

# OS SENTIDOS DA ARTE CONTEMPORÂNEA

**KATIA CANTON**

[Professora livre-docente da USP  
e curadora do MAC-USP]

Diferentemente da tradição do novo, conceito-motor que engendrou uma sucessão de experiências estéticas, materializadas durante o século XX sob as vanguardas, a arte contemporânea se constitui de campos de forças que tomam corpo a partir de uma evocação ampla dos sentidos, de uma negociação constante entre vida e arte, arte e vida.

Os artistas contemporâneos não compartilham da atitude moderna, que buscava na arte a ocupação de um espaço suspenso, puro, sintético e abstrato, situado em um plano acima das coisas que formam a complexa tessitura do mundo real. No mundo contemporâneo – demarcado por acontecimentos como a derrocada do comunismo, a queda do Muro de Berlim, o fim da bipolarização, o redimensionamento das geografias mundiais e a institucionalização do terrorismo como grande narrativa global –, a arte não mais redime. Pelo contrário, a prática artística passa a assumir-se como um projeto de negociação incessante com os acontecimentos e as percepções da vida, incorporando-a e comentando-a em suas grandezas e pequenezas, em seus potenciais de estranhamento, em suas banalidades e seus afetos.

Artistas contemporâneos buscam sentido. Sentido que pode ser materializado incorporando-se as preocupações formais que são intrínsecas à arte e que se sofisticaram no desenvolvimento dos projetos modernistas do século XX. Sentido que finca seus valores na compreensão (e apreensão) da realidade, infiltrada na passagem do tempo e na formatação da memória, na constituição dos territórios que constituem e legitimam a vida, nos meandros da história, da política e da economia, nas vias do corpo como carne e símbolo, nos territórios da afetividade.

Como declarou a artista contemporânea Barbara Kruger, em uma entrevista à revista *Art in América* (November, 1997:97):

Fazer arte é materializar sua experiência e percepção sobre o mundo, transformando o fluxo de momentos em alguma coisa visual, textual ou musical. Arte cria um tipo de comentário.

Em outras palavras: a metodologia que emoldura a produção contemporânea substitui a noção de arte *per se* por uma junção entre estética e ética, na configuração de potências políticas. E é por intermédio de uma convocação em rede dos sentidos, capaz de furar o espetáculo da fugacidade fosforescente do cotidiano, e criar algum tipo de densidade ou comentário, que essas potências tomam corpo.

### **A arte como pele historiada**

Na arte contemporânea, o sentir se potencializa à medida que se expande, se espalha e alcança múltiplas relações com as experiências vividas. O filósofo italiano Mario Perniola fala de um sentir compartilhado, que ganha corpo numa estrutura em rede:

O sentir partilhado e participado constitui o aspecto essencial da estética da vida; alcanço um sentir em conjunto no mesmo momento em que perco o sentir individual: com a mesma mão dou e tiro. A estética da vida é animada por uma pulsão de identificação imediata, de participação, por um alento de comunhão das almas; é todo um mundo de sussurros e de confidências, de tremores e de consonâncias, de contágios e de fusões, de silêncios eloqüentes e de palavras cúmplices, de recordações e de nostalgias, de angústias, de emoções, de afetos, de sensações, que se alimentam da reciprocidade das trocas e de sentir o sentir (...)<sup>1</sup>

1. Mario Perniola. *Do sentir*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 52.

Sentidos e sensações são compartilhados na experiência artística contemporânea, que passa a historiar a vida e demarcar a fluidez de seus contornos, materializando suas passagens, atribuindo densidades a seus corpos e a suas memórias no tempo e no espaço.

No presente seminário, elegemos grandes temas que costumaram e sustentam esse debate, permeando-o com discussões em camadas que tocam as intersecções entre arte e vida, tempo e espaço, corpo e memória, macro e micropolíticas que se entrelaçam nas teias da construção de sentidos polifônicos.

Identidades e alteridades são debatidas como peças de um jogo de comentários sociopolíticos que são materializados via transgressões de representação, estranhamentos diante do mundo, tentativas de identificação.

A evocação das memórias pessoais é vista como construção de um lugar de resistência, demarcações de individualidade, impressões que se contrapõem a um panorama de comunicação à distância e tecnologia virtual, que tendem a gradualmente anular noções de privacidade. É também um território de recriação e de reordenamento da existência, um testemunho de riquezas afetivas, que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário.

Simson Garfinkel, colunista do jornal *Boston Globe* e membro do Centro Berkman para Internet e Sociedade, da Faculdade de Direito de Harvard, atesta para o fato de que, na sociedade contemporânea virtualizada, a privacidade está ameaçada, atestando para a perda de autonomia e integridade, à medida que os sistemas de informação que se estruturam no mundo informatizado e pós-capitalista do século XXI controlam cada cidadão.

O futuro de que nos aproximamos velozmente não é aquele em que cada movimento é visto e registrado por um Grande Irmão

onisciente (referindo-se a 1984, de George Orwell). Na verdade é um futuro em que 100 pequenos irmãos observam e interferem em nossa vida cotidiana. Orwell pensou que o sistema comunista representasse a ameaça definitiva à liberdade individual. Nos próximos 50 anos veremos surgir novos tipos de ameaça à privacidade, cujas raízes não estão no comunismo, e sim no capitalismo, no mercado livre, na tecnologia avançada e na troca desenfreada de informação eletrônica.<sup>2</sup>

O tempo contemporâneo surge como um elemento que perfura o espaço, substituindo a sensação de objetivação cronológica por uma circularidade plena de efervescência e instabilidade. Turbulento, esse tempo parece fugaz e raso, achatando, espiralando, afetando inexoravelmente noções de história, de memória, de pertencimento.

Noções tradicionais de público e privado se desfazem na constituição dos espaços, e o não-lugar toma corpo como território de deslocamento incessante. O corpo físico e o corpo virtual se complementam num jogo de forças, constituído pelas trocas entre o desejo, a identidade e as alteridades, o erotismo, as permeabilidades dos gêneros.

As implicações de um interesse da arte contemporânea pelas questões do corpo são complexas. Por um lado, ligam-se ao contexto de mudança de século, à globalização, ao anonimato gerado pelo sistema corporativista e pelos meios de comunicação virtual. Doenças virais como a Aids, o Ebola, e outras epidemias novas e recorrentes ameaçam a ciência, como um culto obsessivo e crescente ao corpo expande limites imagináveis, graças a transformações e experimentos físicos, químicos e genéticos, gerando fisicalidades radicais.

Emerge, desse denso panorama sociohistórico, um corpo que não mais representa e muitas vezes orquestra um jogo multi-

2. "A guerra da privacidade". Caderno Mais!, *Folha de S. Paulo*, 5 de março 2000, p. 10-3.

facetado de conteúdos. Manipula materialidades e emoções e pode escapar de suas conexões mais imediatas com a realidade, assumindo contornos rarefeitos, etéreos, artificiais e, muitas vezes, irônicos.

Na construção desse jogo de sentidos, o corpo passa a materializar comentários sobre sexo, morte, religião, decadência e espiritualidade, replicando um campo ilimitado de experimentações, muitas vezes catárticas e autobiográficas.

Nesse corpo, questões como identidade e sexualidade se expandem. Saem do âmbito individual para abarcar uma universalidade virtual, globalizada, tingida por matizes de um mundo constituído de novos encadeamentos temporais.

No seminário Sentidos na/da Arte Contemporânea, assim como na vida contemporânea, a arte torna-se uma espécie de pele historiada, porta-bandeira de impressões e sensações do mundo. Como evoca o filósofo Michel Serres:

Mas para cada epiderme seria preciso uma tatuagem diferente, seria preciso que ela evoluísse com o tempo: cada rosto pede uma máscara tátil original. A pele historiada traz e mostra a própria história; ou visível: desgastes, cicatrizes de feridas, placas endurecidas pelo trabalho, rugas e sulcos de velhas esperanças, manchas, espinhas, eczemas, psoríases, desejos, aí se imprime a memória; por que procurá-la em outro lugar; ou invisível: traços invisíveis de carícias, lembranças de seda, de lã, veludos, pelúcias, grãos de rocha, cascas rugosas, superfícies ásperas, cristais de gelo, chamas, timidez do tato sutil, audácias do contato pugnaz. A um desenho colorido ou abstrato, corresponderia uma tatuagem fiel e sincera, onde se exprimiria o sensível. A pele vira porta-bandeira, quando porta impressões.<sup>3</sup>

3. Michel Serres. *Os cinco sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 18.